

O Gênio e o Demoníaco: os meandros da estética moderna

Lucas Lazzaretti

O conceito de gênio perfaz o desenvolvimento da filosofia da arte moderna, tanto em abordagens mais próximas do classicismo francês do século XVII quanto nas abordagens derivadas da sistematização oferecida por Baumgarten no século XVIII. A terceira crítica kantiana conduz o gênio para uma dimensão fronteiriça entre o mundo da arte e as forças da natureza, algo que será vastamente explorado por filósofos românticos e pós-românticos. As críticas, as ressalvas e os embates com a ideia de uma força criadora que sintetizaria, ao menos em tese, a expressão artística colocam em questão a extensão e o caráter nuclear de um sujeito moderno pautado por uma racionalidade, tanto subjetiva quanto pretensamente objetiva. Perigosamente, o gênio é o conceito que se move, dinamicamente, entre o racional e seus limites, beirando, por vezes, a irracionalidade. Em sua origem conceitual, no entanto, o gênio carrega a carga semântica dessa mediação entre um campo de imanência e um possível campo de transcendência. O *daimon* grego, apropriado pela modernidade, é convertido em uma cisão: por um lado, um gênio bem afeito às regras e às determinações da racionalidade, por outro, um gênio demoníaco que surge como uma forma de resistência aos condicionamentos da ideia de sujeito pré-determinada por traços puramente epistemológicos. Visando reconstituir os caminhos conceituais dessa cisão, este mini-curso apresentará em seis aulas os desenvolvimentos do par gênio/demoníaco, analisando como essa tensão foi formada e formadora do discurso estético moderno.